

A senhora da casa ou a dona da casa? Construções sobre gênero e alimentação no Egito Antigo*

Thais Rocha da Silva**

Resumo

A proposta deste artigo é apresentar um breve histórico sobre a produção acadêmica relativa aos estudos da alimentação no Egito antigo, com suas articulações no campo de gênero. Egiptólogos investigaram as práticas alimentares desarticuladas dos estudos de gênero e do papel das mulheres, privilegiando a religião e os estudos funerários. No entanto, os estudos de gênero articularam a produção dos alimentos, o âmbito doméstico e o papel das mulheres na egiptologia. Descobertas arqueológicas e o desenvolvimento de uma atitude crítica por parte dos egiptólogos têm contribuído para desconstruir os modelos teóricos anacrônicos para as mulheres e as relações de gênero, bem como tirar a egiptologia do seu próprio isolamento.

Palavras-chave: Egito, Gênero, História das Mulheres, Historiografia.

* Recebido para publicação em 15 de fevereiro de 2012, aceito em 05 de março de 2012. Gostaria de agradecer a Wanessa Asfora pela oportunidade de participar deste dossiê. Seu convite se transformou num desafio que permitiu alargar a pesquisa que venho desenvolvendo. Michele Escoura e Marisol Marini fizeram comentários e sugestões relevantes sobre a antropologia e o campo de gênero, demonstrando que a parceria entre as diferentes áreas não é utópica. E ao Prof. Dr. Antonio Brancaglion Jr., o agradecimento pela leitura sempre atenta, rigorosa e pela sua incondicional generosidade e inspiração.

** Mestranda do Depto. de Letras Orientais, FFLCH-USP. thaistrds@gmail.com

A senhora da casa ou a dona da casa?

The Lady of the House or the Housewife?
Gender and Nutrition in Ancient Egypt

Abstract

The purpose of this paper is to present a brief history of the academic studies on nutrition in ancient Egypt - and its relation with Gender Studies. Previous studies on eating habits by Egyptologists have disregarded the aspect of gender and the role of women, mainly focusing on religion and funerary practices. However, Gender Studies have articulated food production and the domestic role of women in Egypt. Archaeological discoveries and the development of a critical attitude by Egyptologists have contributed to deconstruct anachronistic theoretical models for women and gender relations as well as removed Egyptology from its own isolationism.

Key Words: Egypt, Gender, Women's History, Historiography.

Se você é afortunado e estabelece sua casa,
Seja gentil com sua esposa, de acordo com o que é justo.
Alimente-a bem, cubra com vestes suas costas
Ungentos são bálsamos para seu corpo
Rejuble seu coração todos os dias de sua vida
Pois ela é um campo fértil para seu senhor
Não a condene,
Mas a mantenha distante do poder, controle-a,
Pois seus olhos são rápidos e perspicazes
Observe-a (com cuidado).
Pois assim você fará com que ela permaneça em sua casa.
Se for severo com ela, haverá lágrimas.
Ela lhe oferece favores sexuais em troca de seus cuidados
E o que ela lhe pede é que seu desejo seja saciado
(Máximas de Ptah-Hotep apud Simpson, 2003:160).¹[tradução da autora]

Portanto, mais do que tentar provar o ponto com dados,
farei dados com ele (Strathern, 2004:XXI).² [tradução da autora]

O feminino e o alimento são dois dos elementos fundamentais para a garantia da existência do Egito. A ordem cósmica e do mundo material, a fertilidade dos campos, o ciclo de cheias do Nilo, enfim, todo ato criador se baseia na interação dos princípios masculino e feminino, através da criação constante. No entanto, essas concepções não podem ser observadas segundo o

¹ “If you are well-to-do and establish your household, Be gracious to your wife in accordance with what is fair. Feed her well, put clothes on her back; Ointment is the balm for her body. Rejoice her heart all the days of your life, For she is a profitable field for her lord. Do not condemn her, But keep her far away from power; control her, For her eye is quick and sharp. Watch her (carefully), For thus you will cause her to remain long in your house. If you are too strict with her, there will be tears. She offers sexual favors in return for her upkeep, And what she asks is that her desire be fulfilled”.

² “So rather than trying to prove the point with data, I shall make data with it”.

A senhora da casa ou a dona da casa?

escopo dos modelos ocidentais, entendido aqui como judaico-cristão e atrelado ao mundo greco-romano.

Masculino e feminino não são categorias em oposição, mas forças complementares. O mito cosmogônico de Heliópolis indica a separação entre esses dois princípios que, seguida da interação sexual, dá início à criação. A existência de uma separação entre esses princípios não os coloca necessariamente em antagonismo. Eles podem existir separados, mas também em interação. A cosmogonia de Hermópolis, por outro lado, enfatiza a importância dos elementos em pares, dos quatro casais primordiais que garantiam o equilíbrio e a manutenção das coisas criadas. A ideia de uma hierarquia entre esses dois elementos não pode ser lida do mesmo modo que as feministas conceberam a relação entre homens e mulheres, tomado como universal.

As fontes egípcias apresentam uma série de exemplos que desconstróem nossas ideias em torno dessas dicotomias. Assim, os estudos de gênero no Egito possuem especificidades que precisam ser incluídas em pautas mais amplas, não contempladas pelas disciplinas que tradicionalmente se ocupam nem do gênero, nem do Egito. O desenvolvimento de uma arqueologia feminista nos anos 1990 colocou na ordem do dia o tema da mulher e de gênero a partir de fontes materiais, retirando o foco da epigrafia, da filologia e da literatura. Ao mesmo tempo, produziu um profundo revisionismo teórico-metodológico, o qual não foi adotado por toda a comunidade egiptológica. O isolamento de grande parte dos egiptólogos tem origens na formação da egiptologia ainda no século XIX, num contexto histórico em que a construção dos grandes impérios europeus se dava também na elaboração de um *thelos* civilizacional, vinculando os impérios do passado. O *orientalismo*³, a institucionalização da arqueologia e a

³ Não pretendo cobrir aqui o amplo debate relativo ao *orientalismo*, do qual destaco além de Said (1990) Wallerstein (2007), Irwin, (2007), Hourani (1967). Tomo por *orientalismo*, na linha de Said, o resultado da pesquisa que fazem os *orientalistas* – como uma disciplina. Em segundo lugar, se trata de um estilo de pensamento, com características específicas que ressaltam o modo de pensar a

criação dos grandes museus contribuíram para que o Egito fosse afastado das demais civilizações do mundo antigo para, seletivamente, ser reinserido na história da civilização ocidental.

No caso dos estudos sobre a alimentação, privilegiou-se por muitos anos a documentação funerária⁴, provocando pequenas distorções na interpretação da sociedade egípcia. Os estudos dos banquetes funerários, por exemplo, tomaram as cenas das tumbas como meras atividades cotidianas e negligenciaram por anos aspectos simbólicos ligados ao morto e à cerimônia (Brancaçion Jr., 1999:9). O desenvolvimento técnico na arqueologia permitiu que análises mais minuciosas fossem realizadas nas múmias, nos vestígios orgânicos de materiais cerâmicos e outros utensílios, potencializando a capacidade descritiva dos egiptólogos. Descobertas arqueológicas nos sítios de Deir el-Medina, Ilahun, Tel el-Amarna e outros favoreceram o uso de novas fontes (Redford, 2001), de técnicas etnográficas e da arqueologia experimental.

A papirologia, por outro lado, apesar da recuperação de muitos documentos oficiais (registros de templos, caravanas, pagamentos de impostos, contratos de casamento, de propriedade), e também em suportes mais “pessoais” como cartas e recibos, em papiros reciclados e óstracos, não chegou a oferecer subsídios para o campo da alimentação como o fez para os estudos do gênero.

diferença entre o “nós” e os “outros”. Por último, se refere a uma instituição criada para lidar com o Oriente, uma maneira de preparar a dominação imperialista. De modo geral, estes autores não problematizam apenas a ideia em torno do Oriente, mas também de que modo se construiu a visão eurocêntrica. Nessa linha, em relação à arte egípcia, por exemplo, Parkinson (2008) afirma como as fontes materiais foram tratadas como exóticas, eróticas e feminilizadas.

⁴ Apesar de grande parte da pesquisa na egiptologia se dar pela documentação funerária, preservada em condições climáticas favoráveis, a ideia de que os egípcios são uma sociedade ligada à morte é equivocada. Os egípcios desenvolveram um grande aparato funerário em sua história por entender que a morte não representava o fim da existência humana. Nas palavras do Prof. Martin, da UCL em Londres, eles são funerários, não funestos.

A senhora da casa ou a dona da casa?

O binômio alimentação-gênero, por outro lado, quando colocado no contexto egípcio, precisa ser devidamente situado em sua especificidade histórica e, sobretudo, metodológica. A grande pluralidade das fontes para os estudos da alimentação e das práticas alimentares é um complicador, sobretudo porque a pesquisa até então não se ocupou de todas as fontes disponíveis. Ao mesmo tempo, a observação de regularidades e permanências dos alimentos consumidos identificados na iconografia pode ser vista como um privilégio para pesquisas, numa sociedade que manteve certas tradições por um longo período de tempo. Não se pode assumir, por outro lado, que a sociedade egípcia foi a mesma por mais de 3000 anos de existência.

Desse modo, a proposta deste texto é evidenciar de que modo os saberes sobre o gênero se atrelaram aos estudos da alimentação, ou seja, de que maneira outras construções sociais sobre o trabalho doméstico e o feminino, sobretudo a ocidental contemporânea, uma vez acoplada aos estudos de gênero no Egito, subjugaram a análise das fontes, criando assim, o binômio gênero-alimentação. Esse artifício tem confundido muitos pesquisadores do gênero e limitado, ao mesmo tempo, o tema da alimentação, subordinando-o ao universo feminino. Para que isso se desfaça, é preciso primeiramente situar a egiptologia dentro das humanidades, a fim de identificar como seus saberes vêm se constituindo e, possivelmente, moldando as investigações. Num segundo momento, recuperar o histórico dos estudos de gênero sobre o Egito antigo permite identificar construções sobre as mulheres e gênero que, além de anacrônicas, são reveladoras de um desconhecimento sobre o debate em seus aspectos mais teóricos.

Há alguns aspectos da egiptologia que a colocam numa situação diferenciada. Na história do mundo antigo, o Egito foi a única civilização que vingou um nome próprio para a sua ciência, diferentemente dos estudos clássicos ou para os especialistas em

“oriente antigo”.⁵ É notável o paradoxo entre a popularidade que o Egito exerce e o isolamento teórico-metodológico da egiptologia, o que revela um duplo Orientalismo: o acadêmico que essencializa, taxonomiza, seleciona, verticaliza e isola; e outro, no imaginário popular, a consolidação do oriente misterioso, exótico, luxurioso (Said, 1990), quase uma projeção “inconsciente” do Ocidente (Kuberski, 1989). Essa operação coloca o Egito na história da civilização se essa for a história do ocidente⁶, sendo incluído como parte da experiência ocidental europeia (Said, 1990:13). O fato de estar lá não implica um afastamento, mas a legitimidade da apropriação.

O diálogo da egiptologia com outras áreas do conhecimento é recente e não homogêneo. Parte da explicação se deve à lista de requisitos necessários à formação dos egiptólogos, que inclui o conhecimento de línguas (antigas e modernas) e uma vasta cronologia recheada de fatos e regras deixando pouco tempo para teorias ou mesmo a auto-crítica disciplinar (Graves-Brown, 2008:XVIII). Parte dos egiptólogos ainda transita numa comunidade acadêmica bastante conservadora, de modo que parcerias teóricas com outras disciplinas ainda são vistas como “alternativas” e marginais.

O caso com a antropologia é um dos mais notáveis. Antropologia e egiptologia têm, a princípio, pressupostos muito distintos.⁷ A primeira tende a privilegiar o método comparativo,

⁵ Há outras áreas como a assiriologia, os estudos bíblicos, etc., mas essas denominações, mesmo na academia ainda têm características mais abrangentes, diferentemente do que ocorre com o Egito dos egiptólogos.

⁶ Vale notar nos livros didáticos de História, ainda hoje, do Ensino Fundamental e Médio, em que o Egito é mencionado, em sua grande maioria, somente nos estudos do mundo antigo. Do mesmo modo, o conteúdo tratado ainda se constrói sobre seu exotismo: pirâmides, múmias, deuses com cabeças de animais e a sua “contribuição” para o mundo “ocidental”.

⁷ Há outras correntes da antropologia que, do mesmo modo que os egiptólogos, privilegiam o particular. No entanto, é sobre a ideia de investigar um outro, que permitiu aos antropólogos desenvolverem uma metodologia particular, bem

A senhora da casa ou a dona da casa?

associado a uma “observação participante”, enquanto os egiptólogos, além de não terem o privilégio de conviver com seus nativos, se ocupam primordialmente de ressaltar a particularidade dos antigos egípcios frente às demais populações do Mediterrâneo (e mesmo da África). A comparação do Egito com outras sociedades do mundo antigo oferece quase sempre um exclusivismo orgulhoso. O exagero dessas incompatibilidades pode tornar visível o que Strathern chamou de *fresh gaps*⁸ (2004), dando espaço a novas perguntas. Com a crise pós-moderna dos anos 1980 e o exercício (quase interminável) de autocrítica metodológica, antropólogos permitiram um flerte maior com a egiptologia e novas questões sobre a relação passado-presente revigoraram as pesquisas (Meeks, 1979; Trigger, 1997; Strathern, 2004).

A constituição dos diversos saberes sobre o Egito, que transitam entre o erudito e o popular, não deixou de impactar/contaminar os estudos sobre as mulheres, gênero e sexualidade no Egito antigo. Apesar dos avanços da pesquisa acadêmica na década de 1970 e de parcerias bem sucedidas com a antropologia e a história das mentalidades (Pantel In: Duby e Perrot, 1990:592), gênero, sexualidade, e estudo sobre as mulheres, ainda são vistos sob um duplo exotismo.

Cabe notar que a coletânea de Georges Duby e Michelle Perrot sobre a história das mulheres no Ocidente exclui o Egito antigo. Para além da discussão se o Egito pertence ou não ao ocidente, chama a atenção que nem mesmo o Egito helenizado

como toda uma discussão teórica, a qual impactou outras áreas das humanidades, sobretudo a pesquisa histórica.

⁸ *“If at each juncture something more is generated than something more acts as a kind of “remainder”, material that is left over, for it goes beyond the original answer to the question to encapsulate or subdivide the position (the question-answer set) by further questions requiring further answers. It opens fresh gaps in our understanding”* (Strathern, 2004:XXII): “Se a cada conjuntura algo a mais é gerado, age como uma espécie de “resto”, material que sobra, pois ultrapassa a resposta original à questão para encapsular ou subdividir a situação (o jogo pergunta-resposta) por outras questões que exigem novas respostas. Ele abre novas lacunas em nossa compreensão”. [tradução da autora]

ou o romano sejam incluídos no texto. O foco privilegiado no mundo greco-romano, “clássico”, reforça não apenas esse duplo exotismo, mas também os critérios e processos de seleção pelos quais (a história d) o Egito tem seu pertencimento autorizado no ocidente europeu.

Breve histórico sobre os estudos de gênero no Egito antigo

Apesar das muitas críticas, a egiptologia possui vantagens que precisam ser evidenciadas. É justamente pelo fato de ser uma disciplina tão particular que barrou muitos “ismos” das primeiras feministas, sobretudo ideias de uma opressão universal das mulheres, já que as fontes demonstram que as mulheres egípcias, por outro lado, tinham um estatuto legal diferenciado se comparadas às suas vizinhas do Mediterrâneo. Dito de outro modo, a egiptologia, através da filologia e da história da arte, mostrou que nem sempre os egípcios se encaixavam no que queriam as feministas (Graves-Brown, 2008:X).

O interesse dos egiptólogos sobre as mulheres e, posteriormente sobre o gênero só ocorre em meados da década de 1970. A pouca atenção dada ao tema no Egito se deve entre outras coisas, a uma identificação da sociedade ocidental com o mundo grego e romano, enquanto a região da Síria-Palestina, por outro lado, ganhou visibilidade graças aos estudos bíblicos. (O’Brien, 1999). É importante dizer que a despeito de diferenças entre franceses e o grupo anglo-americano na trajetória de pesquisas sobre mulheres e a relação entre os sexos, quando se trata do mundo antigo elas são pouco perceptíveis.

Foi a escola anglo-americana que explorou o tema das mulheres e das diferenças sexuais na linha das discussões de gênero. O curioso é que, paralelamente ao desenvolvimento do debate entre feministas e antropólogos nos anos 1980, a egiptologia se ausentava dele. Tal afastamento, se intencional ou não, colocou os estudos sobre mulheres, sexualidade e gênero no fim da fila de prioridades dos egiptólogos décadas depois. Falar

A senhora da casa ou a dona da casa?

desses temas passaria ser um “problema menor” dentro de assuntos “mais relevantes” sobre a sociedade egípcia.

A década de 1990 concentrou a produção acadêmica de língua inglesa com os trabalhos de Watterson (1991), Robins (1993), Tyldesley (1994, 1996, 1998), Sweeney (1993), Capel e Markoe (1997), Wilfong (1999), Lesko (1999), Roth (1999). Algumas com grande apelo popular, tais publicações privilegiaram a filologia e a história da arte, não chegando a ser tipicamente feministas, nem mesmo com quaisquer preocupações teóricas muito profundas. A questão parece ter ficado em torno de metodologias de modo a inserir novas descobertas arqueológicas da época. Fato é que esse período tratou o gênero como sinônimo de “mulheres”, inclusive os que tratavam da sexualidade (O’Connor 1997; Robins 1996; Meskell, 1999 e 2000) confirmando os estereótipos das feministas ou mesmo dos primeiros egiptólogos.

O esforço de desnaturalizar as questões em torno das diferenças sexuais não deixou escapar alguns vieses. O Egito faraônico parece ter concentrado mais trabalhos em torno da sexualidade com uma abordagem foucaultiana evidente (Pinch 1983; Manniche 1987, de Araújo 1995, Meskell 1999, 2000; Toivari-Viitala 2001). Todavia, a análise ficou restrita à sexualidade feminina.

Uma das marcas da egiptologia sempre foi a presença dos estudos da religião, um enquadramento no qual as mulheres e gênero encontraram seu espaço de atenção em temas como a representação das deusas, a relação da realeza feminina com as divindades e mesmo a participação das mulheres nas atividades religiosas. Ainda no campo dos estudos das mulheres e do gênero, egiptólogos se dedicaram ao estudo de outras atividades das mulheres como as dançarinas, musicistas, amas, além dos espaços dedicados ao feminino, como os haréns.⁹ Além disso, existe uma série de estudos dedicados a temas clássicos que envolvem as

⁹ Não confundir com o harém árabe. O trabalho de Del Nord (1981) apresenta os principais problemas referentes ao termo *hnr* e suas diferentes interpretações.

mulheres, como fertilidade, nascimento, menstruação, cuidados com a casa, etc.

A arte egípcia se dedicou a estabelecer o status social da mulher, hierarquias de gênero e às características e formas de representação de homens e mulheres em esculturas e pinturas. No âmbito da literatura, o interesse dos pesquisadores se voltou sobretudo à capacidade de leitura e escrita das mulheres, o quanto elas tinham acesso a isso ou não quando comparadas aos homens.¹⁰

As pesquisas no âmbito jurídico e econômico ficaram voltadas mais aos períodos tardios, em especial o helenístico. Neste período se observou uma mudança do estatuto das mulheres (e também dos homens) já que, apesar da administração territorial ser grega, muitas práticas nativas de períodos anteriores permaneceram. Os períodos grego e romano foram privilegiados pelos estudos de aspectos étnicos, jurídicos e o velho dilema continuidade-ruptura dos historiadores. A tradução crescente de papiros gregos e demóticos tem revelado outros aspectos da sociedade como a participação feminina na administração de bens, contratos de propriedade e casamento, divórcio, herança e disputas judiciais (Johnson, 1994, 1999, 2003, Pestman, 1961, Rowlandson, 1998, Robins, 1993, Toivari-Viitala, 1998).

Pesquisas a respeito da sexualidade masculina tendem a ressaltar a questão religiosa, com seus símbolos de fertilidade, como o caso do deus Min, além das metáforas em torno da virilidade do faraó, essencial para a manutenção da fertilidade do Egito. Nesse sentido, as referências sexuais e de fertilidade não são atributos exclusivos das mulheres ou das deusas. Os

¹⁰ Acredita-se que não mais que 1% da sociedade egípcia tinha acesso à leitura e à escrita. No caso específico das mulheres, é provável que, entre as elites, parte delas soubesse ler, mas não escrever. Esse tema ainda é inconclusivo entre os pesquisadores e o debate está em aberto, como indicam Baines e Eyre, 1961, Sweeney, 2001, Verhoogt, 2009, Bagnall e Criboire 2006, e mais especificamente sobre a educação das mulheres no período greco-romano, Criboire, 2001.

trabalhos em torno da homossexualidade masculina são raros (Parkinson 1995; Montserrat 1996; Dowson, 2008) enquanto a homossexualidade feminina é mencionada mais no período greco-romano (Fox, 1985; Toivari-Viitala, 2001; Wilfong 2002), mas ainda discretamente. De acordo com Parkinson (*apud* Graves-Brown, 2008), os estudos sobre as mulheres e de gênero parecem ter criado uma visão de masculinidade monolítica, oposta a uma feminilidade construída, contestada.

Os estudos do período ptolomaico têm se utilizado muito dos papiros, sobretudo os escritos em demótico, numa tentativa de sair do viés helenizante. Os trabalhos sobre as mulheres e gênero até os anos 1980 não se desvincularam dos modelos cunhados na historiografia sobre a Grécia Clássica. Nesse sentido, os pesquisadores ainda não resolveram o problema de homens e mulheres serem gregos e egípcios, simultaneamente. As questões em torno da identidade e dos direitos ainda são o foco principal das investigações. O Egito romano seguiu a mesma linha, utilizando basicamente o mesmo tipo de fontes, enquanto no período cristão, foi dada importância à participação feminina nas primeiras comunidades e sua reclusão.

O Egito antigo lida com o mesmo problema de outras sociedades antigas: a documentação remanescente foi majoritariamente produzida por homens e a categoria “mulheres” não forma um grupo coeso e uniforme. Desse modo, os temas estudados são repetidos exaustivamente entre os autores. Rowlandson (1998), ao reunir fontes sobre mulheres no período greco-romano, por exemplo, elenca os mesmos assuntos tratados pelo período faraônico, vistos nos trabalhos de Waterson (1991), Robins (1993), Capel e Markoe (1997): casamento, cuidados com a casa, família, fertilidade, a participação ou exclusão da esfera pública de atividades, religião, etc. O esforço em mostrar que as mulheres egípcias não eram mulheres comuns e se diferenciavam de suas vizinhas não impediu que essas categorias de análise se cristalizassem em torno de um viés ainda dicotômico, feminista, como mostra o comentário elogioso ao trabalho de Barbara

Waterson pelo History today: “A esfera doméstica é examinada... e o autor está ansioso para ver a vida fora da casa”.¹¹ Assim, os enquadramentos político, econômico e mesmo jurídico (também nos estudos da sexualidade) deram pouco espaço para outras percepções a respeito do gênero. O irônico é que os egiptólogos ligados ao tema do gênero são – quase involuntariamente – empurrados pelas suas fontes a (re)pensar suas categorias de análise e enquadramentos teórico-metodológicos.

Chama a atenção que algumas dessas publicações se deem ao trabalho de conceituar gênero no início das análises. Parece ainda ser prioridade dos autores “dar” às mulheres visibilidade, voz, espaço, e categorias como feminino, masculino, homens e mulheres se tornam assim, auto-evidentes, monolíticas. Assim, a história das mulheres se repete, mas travestida de gênero.

Questões em torno da alimentação

A historiografia sobre a alimentação por muitos anos privilegiou aspectos ligados à biologia. É preciso ir além do fato básico de que alimentar-se é simplesmente ingerir alimentos, mas ter em vista que as formas pelas quais a ingestão de alimentos é construída socialmente se articulam com outras formas de sociabilidade. As várias formas de comer passam pela divisão sexual do trabalho, de organizações de sistemas em torno do alimentar-se (banquete, rituais, etc.) e, mais ainda, pela linguagem. A história da alimentação deve, portanto, evidenciar o aspecto cultural, social das escolhas sobre o que, onde e como comer. Não se trata de separar a natureza da cultura, mas de entender, nas palavras de Sahlins, que as razões práticas se dão na relação com a cultura e que os significados culturais das ações estão para além de questões utilitárias ou práticas. Nessa linha, as

¹¹ “*The domestic sphere is scrutinized.... and the author is also keen to look at life outside the home.*” [tradução da autora]

A senhora da casa ou a dona da casa?

evidências fornecidas pela sociedade egípcia corroboram para desnaturalizar algumas dessas abordagens mais tradicionais.

O aspecto nutricional ainda é predominante na produção acadêmica. A história das civilizações antigas ainda se preocupa em identificar os processos de domesticação de vegetais e animais, os mecanismos de desenvolvimento da agricultura, sobretudo no Oriente. As parcerias com a antropologia social são ainda irregulares e em pequeno número a ponto de impactar o campo, tendo deixado espaço livre para um viés mais economicista. Mesmo a história dos *Annales*, que inaugurou os estudos sobre o cotidiano, sobre as heranças, padrões alimentares, chegou de forma parcial ao mundo antigo. Em geral, a alimentação ainda serve à lista de apêndices e curiosidades, mas pouco se desdobra em outros níveis de investigação que articulem as multiplicidades da relação natureza e cultura, ou entre história e biologia.

Os estudos sobre a alimentação no Egito são escassos e se limitaram a descrições minuciosas dos tipos de alimento, dos seus simbolismos e de sua participação nos ritos religiosos (Darby *et alii*, 1977; Brescianni, 1998, Tallet, 2002). Quando inserida nos manuais de história do Egito, a alimentação aparece ligada ao cultivo dos campos, à produção dos alimentos, os festivais, banquetes (para os vivos e os mortos), mas não chega a ocupar o centro das análises (Hesse, Renfrew, 1995). As publicações tendem a se ocupar mais da dieta e de aspectos nutricionais dos alimentos do que das relações sociais em torno de sua produção e consumo. A grande exceção é o trabalho de Salima Ikram (1995) que, junto com a escola americana tem procurado relações com o Egito atual, privilegiando análises interdisciplinares, muito embasadas em pesquisas etnográficas e experimentais. O curioso é que, por muitos anos, o fato de a sociedade egípcia contradizer alguns “naturalismos” sobre a alimentação não parece ter despertado o interesse dos egiptólogos. Ao contrário, o exotismo ao qual o Egito era submetido deixou questões como a alimentação dos mortos, a substituição mágica dos alimentos pelas suas imagens,

alimentos mumificados – e mesmo o grande número de papiros mágicos – apenas na superficialidade de um estranhamento orientalista. A boca, aqui como equipamento biológico, tende a naturalizar as práticas em torno da linguagem e da alimentação. A fala, depois materializada na escrita, era responsável pela criação do universo na cosmogonia menfita¹², portanto as ações em torno do falar e do comer estavam diretamente ligadas à ideia de manutenção da existência. Não por acaso, o determinativo de um homem levando à mão à boca é o mesmo para designar os verbos “falar” e “comer”.



Arte e religião foram as duas áreas na egiptologia que se ocuparam da alimentação. Essa parceira ao mesmo tempo em que limitou muito as abordagens, se chocou com outras mais tradicionais, favorecendo o deslocamento das análises de um viés estritamente econômico ou tecnológico.

Muitos textos se referem à importância de se ter uma mesa farta e dos benefícios de comer bem. A escassez de comida era uma preocupação constante entre os egípcios, mas ao mesmo tempo os excessos eram combatidos. As máximas dão indícios de uma moral em torno dos hábitos alimentares, recriminando os excessos, como indicam os ensinamentos de Kagemni, do Médio Império:

A glotonaria é grosseira e censurável
Um copo de água aplaca a sede.
Um punhado de vegetais fortalece o coração.
(...)
É desprezível aquele cujo ventre continua cobiçando depois
que passou a hora de comer:
Esquece-se daqueles que vivem na casa quando devoras
(*apud* Tallet, 2002).

¹² O deus Ptah criava o universo a partir das palavras proferidas por ele. Nessa concepção, as coisas criadas passavam a existir por terem um nome que as definia. Ver: Schaffer *et alii* (1991), Dunand, 1991.

A senhora da casa ou a dona da casa?

Outras máximas como as de Ptah-Hotep, Amenemhat, ensinam como se viver uma vida ideal, e de que modo bons hábitos à mesa podem contribuir para atingir esse objetivo (Parkinson, 2002; Simpson, 2003). Os contos egípcios, por outro lado, tendem a enfatizar mais a importância de uma refeição completa e de alguns produtos, como a cerveja e o pão¹³, mas também do aspecto simbólico de alguns alimentos e da relação deles com as divindades. Na literatura funerária, o Livro para sair à luz do Dia, conhecido popularmente como O Livro dos Mortos, previne o morto da privação da fome. A Fórmula para não comer excrementos e não beber urina no Reino dos Mortos (Cap. 53) permite que o morto tenha a sua disposição os alimentos dos deuses.

Parte significativa das informações sobre os alimentos está nos relevos das estelas e nas pinturas das tumbas. Nesse contexto, há poucas cenas que mostram como esses alimentos eram processados, mas a maioria se restringe a representações da comida. Não há indícios de receitas completas que tenham sobrevivido. Os poucos registros textuais de preparação de alguns alimentos se encontram nos papiros médicos, mas em geral eles também são combinados com outras práticas mágicas.

A oferta de alimentos aos mortos é uma atividade que vem desde a pré-história egípcia e era, a princípio, feita simplesmente com o depósito de comida e bebida na sepultura. Por volta de 2770 a.C., as oferendas se tornam refeições completas e se popularizaram, deixando de ser exclusividade dos reis. Com o passar do tempo, essas oferendas se complexificaram e incluíram outros equipamentos necessários à vida do morto, como móveis, objetos pessoais e os shabtis.¹⁴ As refeições, antes depositadas em lajes de pedra, passaram a ser substituídas magicamente pelas

¹³ É o caso de O camponês eloquente e Sinuhe. Ver Parkinson, 1991, 2002; Simpson, 2003.

¹⁴ Conhecidos também como ushabtis e shauabti eram pequenas estatuetas mumiformes que tinham como objetivo substituir magicamente o morto na realização de tarefas no mundo dos mortos. Ver Brancaglion Jr., 2004.

mesas de oferendas (*htp*) que traziam gravadas as imagens dos alimentos ofertados: pães, gansos, carnes, frutas, bolos, etc. e inscrições nas bordas com invocações aos deuses para prover o sustento do *ká*¹⁵ do morto (Brancaglione Jr., 2004:22). A palavra *htp* significava “oferenda para o altar”, mas também “paz”, “satisfação” e “felicidade” (id.ib.).

Ainda no contexto funerário egípcio, o último rito feito no morto era a “Abertura da Boca”, a fim de que suas faculdades físicas e mentais, momentaneamente interrompidas pela morte, fossem recuperadas. Essa cerimônia, podendo ser realizada na múmia, nas estátuas ou no caixão do morto, garantia o seu preparo para iniciar a viagem ao mundo dos mortos.

Um aspecto digno de nota na iconografia egípcia é a ausência de pessoas se alimentando. No caso das cenas de banquete nas tumbas, por exemplo, as pessoas são mostradas servidas de bebida ou comida, mas não consumindo os alimentos. As razões para isso ainda são debatidas e inconclusivas, e a historiografia parece se limitar ao fato de que a simples presença das imagens dos alimentos já era garantia da alimentação. O mesmo se dá nas cenas das estelas funerárias, onde as oferendas são depositadas diante dos deuses e do morto, mas nenhum deles as consomem.

As escavações recentes em Deir el-Medina abriram novas possibilidades de investigação, sobretudo pela obtenção, no mesmo contexto, de fontes textuais e materiais. O grande número de óstracos traduzidos nos últimos anos revelou uma nova organização social de atividades domésticas e daquelas relativas à produção de alimentos. Toivari-Viitala (2001) e Frandsen (2007) analisaram os óstracos que continham as listas de dispensa dos trabalhadores quando suas mulheres menstruavam. Parte da explicação sobre o motivo da dispensa se devia ao fato de que a tumba era o local associado ao renascimento. Há uma série de

¹⁵ É o símbolo da força vital conservadora e alimentadora do ser. Encarna na estátua do morto depositada na tumba (Brancaglione Jr., 2004:129).

A senhora da casa ou a dona da casa?

metáforas e associações entre a tumba e o útero, uma vez que o morto, ao ser colocado no sarcófago, retornava ao útero da deusa-céu Nut. Nesse contexto específico, há uma oposição entre o sangue menstrual e o nascimento: os trabalhadores em contato com as mulheres menstruadas poderiam, ao realizar as atividades nas tumbas, comprometer o potencial cósmico de fertilidade desse tipo de construção (Frandsen, 2007:103-104). Apesar das questões em torno do tabu e da “poluição” do sangue serem ainda tema de discussões entre os pesquisadores, graças a isso sabe-se que a produção de alimentos no ambiente doméstico não era exclusiva das mulheres.

As vilas de trabalhadores, apesar de talvez serem um contexto de exceção, portanto não representativo de toda a sociedade egípcia, oferecem uma gama significativa de evidências materiais. As estruturas de cozinhas, por exemplo, estão bastante preservadas e podem ser cotejadas com outras evidências iconográficas. Conhecidas em representações desde o Antigo Império, a cozinha de edifícios importantes, como templos e palácios, possuíam estrutura complexa, com uma hierarquia de funcionários (em geral homens) e atividades, como indica o Papiro de Leiden 348 (vol.10:4-5) com cervejeiros, padeiros, açougueiros, pasteleiros (doceiros), “diretor da casa da gordura de boi”, degustadores de vinho, etc. (Brescianni, 1998:77). Nas casas mais simples, a cozinha ficava no telhado e, nas casas mais ricas, na área externa. Também havia cozinhas nos templos, que serviam como locais de socialização para pequenas vilas, como Deir el-Medina. Nesses locais, sabemos que a comida comunitária era preparada no próprio templo, graças à presença de vestígios arqueológicos como fornos e vestígios de fogo. A alimentação no Egito antigo, em suas distinções sociais, não chegou configurar um campo específico em torno da questão do gênero, como aconteceu em outros períodos históricos e locais. Ao contrário, é o gênero que tem inferido à alimentação juízos de valor importados de outras sociedades (sobretudo a ocidental contemporânea), submetendo os egípcios a uma hierarquia da divisão sexual do

trabalho anacrônica. Do mesmo modo, a identificação direta de alguns alimentos (e sua produção) com homens e mulheres repete os equívocos de interpretação das fontes.

A senhora da casa vs. dona de casa

Não dê ordens à sua esposa em sua casa, quando você sabe de sua eficiência. Não fique dizendo a ela “Onde está isso? Traga para mim!”

Especialmente quando está no lugar onde deveria estar!¹⁶
(Instruções de Ani *apud* Watterson, 1991:13)

A sociedade egípcia parece ter sido baseada no lar conjugal. Todavia, o modo pelo qual as mulheres são descritas e as atitudes referentes ao seu papel na casa parecem, às vezes, contraditórios. A leitura das máximas, como as de Ankh-Sheshonq, Ani e Ptah-Hotep, confrontada com outras evidências literárias (contos e as poesias amorosas) mostra as mulheres oscilando entre a causa de todos os males e o motivo do equilíbrio e felicidade familiar.

Há, evidentemente, a construção de modelos de feminino, os quais determinam as atitudes da sociedade (não apenas dos homens) em relação às mulheres. Não é objetivo deste trabalho discorrer sobre tais percepções ou mesmo o status das mulheres no Egito, mas antes, identificar de que modo outras construções sociais sobre o trabalho doméstico e o feminino subjugarão a análise das fontes, articuladas aos temas da alimentação.

É preciso assumir aqui que as construções a respeito das mulheres (egípcias) determinaram a elaboração historiográfica (da egiptologia) do binômio gênero-alimentação. Dito de outro modo, as construções em torno do feminino e do papel das mulheres trazem em si o tema da alimentação como tautológico, “natural”.

¹⁶ “Don’t boss your wife in her own house when you know she is efficient. Don’t keep saying to her ‘Where is it? Bring it to me!’” Especially when it is in the place where it ought to be!” [tradução da autora]

A senhora da casa ou a dona da casa?

Se retomarmos brevemente a discussão sobre a alimentação no Egito, veremos que o contrário não ocorre.

A associação do gênero à alimentação não se dá unicamente pela análise das fontes. Há uma tendência – não ultrapassada – nas ciências humanas, e não apenas na egiptologia, de confinar as mulheres (e o feminino) ao mesmo tipo de atividade: os cuidados com a casa e com os filhos. A esse tipo de leitura – anacrônica e vitoriana – subjaz a construção de dicotomias entre família e trabalho, público e privado que fixa os papéis de homens e mulheres de maneira ahistórica.

Graves-Brown (2008) demonstrou de que modo a egiptologia tomou emprestado o modelo feminista da opressão universal e a leitura claramente masculina (e moralista) das fontes, como por exemplo, a associação das dançarinas e musicistas com a prostituição. Trata-se, portanto, de um duplo reducionismo: o de restringir as mulheres ao campo de atividades reprodutoras, e a alimentação às mulheres.

O preparo do pão e da cerveja são casos interessantes para se observar essas distorções. Tal qual outras, esta era uma atividade compartilhada por homens e mulheres. Entretanto, os estudos encabeçados pelo gênero e pela história das mulheres enfocam mais a participação feminina na produção (moagem) do pão. Esse tipo de associação ignora, por exemplo, evidências em que a presença masculina na produção é predominante, como nos casos das maquetes do I Período Intermediário. Exposições sobre mulheres e gênero ganharam espaço nos grandes museus na década de 1990. Uma olhada rápida pelos temas elencados coloca a alimentação e o ambiente doméstico no topo da lista dos temas favoritos. Não se trata de dizer que as mulheres não tinham tais responsabilidades, mas antes, salientar quais são os pressupostos que determinam essas associações.

Homens e mulheres da elite costumavam ser identificados nas representações pelos seus títulos, o que lhes confere um caráter individual. Entre os outros membros da população, a identificação se restringe às suas atividades “profissionais”. Nesse

grupo, a lista de atividades realizadas por mulheres não é muito distinta daquelas executadas por homens, salvo a manufatura do linho. No Antigo Império, e menos nos períodos subsequentes, as mulheres são representadas separando grãos, embora não apareçam cortando o trigo. No Novo Império vemos com mais frequência mulheres atuando na colheita. Também são representadas confeccionando objetos de cerâmica, embora exista maiores evidências da participação dos homens. Além disso, as mulheres das camadas não privilegiadas poderiam ser dançarinas, musicistas, cantoras, carpideiras e servas. Paralelamente, os homens são apresentados em atividades como a caça, a pesca, o pastoreio, incluindo o parto dos animais e a extração de leite. Poucas cenas mostram as mulheres realizando atividades físicas, elas acompanham a caça, mas não caçam, aparecem segurando as armas ou animais de estimação.

A língua egípcia oferece ainda outros problemas para os estudos de gênero. Os termos designados tanto para mulheres (*st*, *nbt pr*, *hmt*, *hnrw*, *sbnt*) como para homens (*ty*, *rmt*, *s*, *pr*) são vagos. Não indicam propriamente uma “natureza” dos ideais masculino e feminino, mas títulos, ou seja, suas ações e status sociais.

O título feminino mais frequentemente apropriado pela historiografia é *nbt pr*, “a senhora da casa”. O título parece se referir mais às mulheres casadas, e há referências contínuas de seu uso desde o Médio Império até o Período Ptolomaico. De modo geral, *nbt pr* indica uma posição social elevada, também a ideia de uma esposa legítima (num casamento válido), que provê herdeiros. Um outro uso é para se referir a uma mulher idosa, independente, capaz de manter sua casa. De modo geral, *nbt pr* circunscreve a mulher no espaço da casa, conferindo-lhe o domínio do lar e das atividades domésticas (Toivari-Viitala, 2001).

É importante notar que o uso dos títulos (por homens e mulheres) não é o mesmo durante a história egípcia. Sua apropriação pelos egiptólogos não contemplou seu uso como um recurso retórico, na representação de uma situação idealizada. Ao

A senhora da casa ou a dona da casa?

contrário, foi tomado como o reflexo de uma situação cotidiana. Toivari-Viitala (2001:15-16) chama a atenção de que *nbt pr* é um termo que se refere às mulheres casadas como um status na casa, sem qualquer referência ao marido, ou seja, o título é uma designação da mulher nos seus direitos individuais.¹⁷ É evidente pelas fontes escritas e materiais que o casamento é um meio de socialização de homens e mulheres (Allam, 1981; Eyre, 1984, 2007; Johnson, 1994, 1999, 2003; Gee, 2008), um ideal social, em que os indivíduos adquirem um status privilegiado no grupo. No caso do termo *nbt pr*, o papel e o status da mulher são garantidos através do casamento, mas não ficam limitados a ele.

No caso das elites, cuja documentação é mais abundante, sabemos que mulheres poderiam elevar o status social de seus maridos. Embora as mulheres não ocupassem cargos ligados ao aparelho burocrático do Estado egípcio, suas atividades nos templos eram conhecidas. Do mesmo modo, tinham a possibilidade de gerir os bens familiares, como compra e venda de propriedades, supervisão do gado e das atividades comerciais. Assim, *nbt pr* tem outras nuances que transpõem os limites da casa, vista aqui como uma unidade familiar nuclear.

Sem um grupo de servos que executasse o trabalho, homens e mulheres da elite teriam que se reorganizar para garantir a manutenção da casa. O ponto, entretanto, é outro. Não se trata de buscar simplesmente as atividades de homens e mulheres ou os seus papéis sociais. Apesar de uma extensa bibliografia sobre o tema, não se avançou muito nas propostas interpretativas. O ostracismo ao qual foram submetidos os estudos

¹⁷ Não pretendo discutir aqui a noção de indivíduo no Egito, distinta em diferentes períodos. Os pesquisadores hoje tendem a tratar desse tema na linha da auto-representação, já que grande parte dos documentos sobre os antigos egípcios enfatizam essa prática, conhecida antes como autobiografia, sobretudo pelo contexto funerário. Escrever seus méritos e qualidades tinha a propriedade (mágica) de eternizar esses atributos, fazendo com que o indivíduo fosse merecedor de uma vida eterna e feliz. Isso permitiu identificar outras nuances na concepção de indivíduo. Para isso, ver Froot (2007), Nyord (2009).

de gênero pelos egiptólogos recentemente indica que os pesquisadores ainda não se deram conta da necessidade de transpor descrições. É preciso analisar as metáforas pelas quais gênero e suas relações são constituídas, tendo em vista a particularidade da relação da escrita com a arte. Nesse sentido, tudo o que está representado pela “arte egípcia” pode ser lido. Ademais, o conhecimento sobre a língua, apesar de verticalizado, é impreciso para alguns termos e a compreensão de expressões metafóricas.

Assim, o binômio gênero-alimentação corre o risco de cair nas mãos de uma historiografia excessivamente engajada e colocar homens e mulheres numa situação de igualdade que se remete às lutas políticas e econômicas do mundo contemporâneo. Os estudos de gênero no Egito servem, nesse caso, como a “prova cabal” de que as mulheres poderiam e podem estar numa situação, senão igual, superior a dos homens. O esvaziamento da historicidade das fontes pelo engajamento político abre espaço para a marginalização do campo e colabora para que a egiptologia continue isolada das outras áreas.

O lado oposto dessa radicalização é submeter as mulheres egípcias aos mesmos modelos teóricos que nortearam a pesquisa no mundo clássico. O modelo ático, do oikos e da reclusão feminina, liderou a produção historiográfica por muitos anos. Esse modelo, quando aplicado ao Egito, tende a transformar a “senhora da casa” na “dona de casa”, confundindo a observação de contextos específicos e trazendo conclusões distorcidas. Mesmo nos estudos sobre as mulheres e o gênero no mundo grego, foi predominante a análise pelo viés da documentação ateniense, generalizada como grega e, nesse sentido, com referências diretas a um processo de identificação com o universo burguês da família do século XIX.

Deste modo, não se trata de negligenciar a importância da “senhora da casa” e dos seus múltiplos significados para os estudos tanto de gênero, como da alimentação. Trata-se sim de explicitar os modelos teóricos pelos quais essa expressão transitou

A senhora da casa ou a dona da casa?

até então e constituiu a relação alimento-feminino. Assim, se nbt pr indica uma posição específica das mulheres da elite, através do casamento, é preciso primeiramente entender de que modo esses atributos e privilégios são corporificados e, posteriormente, elencar os parâmetros pelos quais esses mesmos atributos e privilégios são escolhidos. Mais do que saber o que as mulheres faziam ou estavam autorizadas a fazer, a ideia da “senhora da casa” revela múltiplos níveis da alimentação e de gênero e de que modo eles se articulam como categorias criadas dentro do conjunto de valores egípcios.

O fato de que os estudos sobre a alimentação, quando desarticulados do tema do gênero, sejam meramente descritivos sinaliza o potencial que as pesquisas de gênero têm no mundo egípcio. Na medida em que clarificam metáforas da relação natureza e cultura, pela constituição de significados sobre o masculino e o feminino nessa sociedade, podem se tornar instrumentos importantes na articulação de outras metáforas em torno do mesmo eixo.

É preciso que os egiptólogos reconheçam-se como agentes na produção do conhecimento sobre as relações de gênero, deixando simplesmente a posição de importadores de teorias. Se a egiptologia souber historicizar sua produção acadêmica e potencializar os aspectos positivos de seu isolamento até então, sem perder-se na autossuficiência, é possível que as ciências humanas do século XXI se vejam em débito com a habilidade egípcia de conciliar o que parece aos nossos olhos, inconciliável.

Referências bibliográficas

ALLAM, S. Quelques Aspects du Mariage dans l'Egypte Ancienne. *The Journal of Egyptian Archaeology*, vol. 67, 1981, pp.116-135.

ARAÚJO, Luís Manoel de. *Estudos sobre erotismo no antigo Egito*. Edições Colibri, Lisboa, 1995.

ASANTE, Molefi K. & MAZAMA, Ama. *Egypt vs. Greece and the american academy*. Chicago, African American Images, 2002.

- ASHTON, Sally-Ann. *Cleopatra and Egypt*. Oxford, Blackwell, 2008.
- BAGNALL, Roger; CRIBIORE, Raphaela. *Women's letter from Ancient Egypt. 300 BC-AD 800*. Michigan, The University of Michigan Press, 2006.
- BAINES, John. Egyptian elite self-presentation in the context of Ptolemaic rule. In: HARRIS, W.Y. & RUFFINI, G. *Ancient Alexandria between Egypt and Greece*. Columbia Studies in the Classical Tradition, Netherlands, Brill, 2004.
- BAINES, John; EYRE, Cristopher J. Interactions between Orality and Literacy in Ancient Egypt. In: SCHOUSEBOE, K.; LARSEN, M. T. *Literacy and Society*. Denmark, Akademisk Forlag, 1989.
- _____. Four notes on literacy. *Göttinger Miszellen* 61, Göttingen, 1983, pp.65-96.
- BARD, Katheryn. *Introduction to the Archaeology os Ancient Egypt*. US, Blackwell, 2007.
- BEZERRA DE MENEZES, Ulpiano. T; CARNEIRO, Henrique. A história da alimentação: balizas historiográficas. *Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material*, vol. 5, 1997, pp.9-91.
- BOCK, Gisela. Challenging Dichotomies: new perspectives on women's history. In: OFFEN, Karen; PIERSON, Ruth R.; RENDALL, Jane. (eds.) *Writing Women History. International Perspectives*. Bloomington and Indianapolis, Indiana University Press, 1991.
- BRANCAGLION JR., Antonio. O banquete funerário no Egito antigo - Tebas e Saqqara: tumbas privadas do Novo Império (1570-1293 a.C.). Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia - Antropologia Social. Universidade de São Paulo, 1999.
- _____. *Manual de Arte e Arqueologia do Egito Antigo II*. Série Monografias, 6. Rio de Janeiro, Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 2004.
- BRESCIANNI, Edda. Alimentos e bebida no Antigo Egito. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. (eds.) *História da Alimentação*. São Paulo, Liberdade, 1998 [1996], pp.68-79.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of identity*. New York, Routledge, 1990.

A senhora da casa ou a dona da casa?

- CAMERON, Averil.M.; KUHRT, Amélie. (eds.) *Images of Women in Antiquity*. Detroit, Wayne State University Press, 1983.
- CAPEL, Anne K., MARKOE, Glenn E. (eds.) *Mistress of the House, Mistress of Heaven: women in Ancient Egypt*. Catalogue exhibition. Cincinnati Art Museum. New York, Hudson Hills Press, 1996.
- CRIBIORE, Raphaela. *Gymnastics of the minds. Greek education in Hellenistic Egypt*. Princeton, Princeton University Press, 2001.
- DARBY, William *et alii*. *The gift of Osiris*. London, New York, Academic Press, 1977.
- DEPAUW, Mark. *A companion to Demotic Studies*. Brussels, Papyrologica Bruxellensia 28, 1997.
- DOWSON, Thomas. A. Queering sex and gender in Ancient Egypt. In: GRAVES-BROWN, Carolyn *et alii*. *Sex and Gender in Ancient Egypt. Don your wig for a joyful hour*. Swansea, Classical Press of Wales, 2008, pp.27-46.
- DUBY, Georges & PERROT, Michelle. (org.) *História das Mulheres no Ocidente*. vol.1 Porto, Afrontamento, 1993.
- DUNAND, François. & ZIVIE-COCHE, Christine. *Dieux et Hommes en Égypte*. Paris, Armand Colin, 1991.
- ERSKINE, Andrew. *A companion to the Hellenistic World*. London, Blackwell, 2003.
- EYRE, Christopher. J. Crime and Adultery in Ancient Egypt. *The Journal of Egyptian Archaeology*, vol. 70, 1984, pp.92-105.
- _____. The evil stepmother and the rights of a second wife. *The Journal of Egyptian Archaeology*, vol. 93, 2007, pp.223-243.
- FANTHAM, Elaine *et alii*. (eds.) *Women in the Classical World*. New York, Oxford, Oxford University Press, 1994.
- FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. (eds.) *História da Alimentação*. São Paulo, Liberdade, 1998 [1996].
- FOX, Michael V. *The song of songs and the ancient Egyptian Love songs*. Madison, University of Wisconsin, 1985.

- FRANCHETO, Bruna *et alii*. *Antropologia e Feminismo. Perspectivas Antropológicas da Mulher*, vol.1, n°1, Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- FRANSEN, Paul J. The menstrual “taboo” in Ancient Egypt. *Journal of Ancient Near East Studies*, vol. 66, abril, 2007, pp.81-106.
- FROOD, Elizabeth. Biographical texts from Ramessid Egypt. *Society of Biblical Literature writings from the ancient world*, n° 26, 2007.
- GEE, John. Love and Marriage in the Ancient World: an historical corrective. *Journal of the Society for the Study of Egyptian Antiquities*, vol. 35, 2008, pp.83-103.
- GRAVES-BROWN, Carolyn *et alii*. (eds.) *Sex and Gender in Ancient Egypt. “Don your wig for a joyful hour”*. Swansea, Classical Press of Wales, 2008.
- HARLAN, Jack R. Lettuce and the Sycomore: sex and romance in Ancient Egypt. *Economic Botany*, vol.40, n° 1, jan-mar 1986, pp.4-15.
- HESSE, Brian. Animal Husbandry and Human diet in the Ancient Near East. In: SASSON, Jack. M. (ed.) *Civilizations of the ancient Near East*. New York, Scribner/ London, Simon & Schuster and Prentice-Hall International, 1995, pp.203-222.
- HOURANI, Albert. Islam and the Philosophers of History. *Middle Eastern Studies*, vol. 3, n° 3, abril 1967, pp.206-268.
- IKRAM, Salima. Choice Cuts: meat production in Ancient Egypt. *Orientalia Lovaniensia Analecta* 69, Leuven, Peeters, 1995.
- IRWIN, Robert. *For the lust of knowing: the orientalist and their enemies*. London, Penguin Books, 2007.
- JEFFREYS, David. *Views of Ancient Egypt since Napoleon Bonaparte: imperialism, colonialism and modern appropriations*. London, UCL Press, 2003.
- JOHNSON, Janet H. “Annuity contracts” and marriage. In: SILVERMAN, David P. (ed). *For his Ka. Essays in Memory of Klaus Baer. Studies in Ancient Oriental Civilization*, n° 55, Chicago, 1994, pp.113-32.

A senhora da casa ou a dona da casa?

- _____. Speculations on Middle Kingdom Marriage. In: TAIT, John W., LEAHY, Anthony. (eds.) *Studies on Ancient Egypt in honour of H.S. Smith*. London, The Egypt Exploration Society, 1999, pp.169-172.
- _____. Sex and Marriage in Ancient Egypt. In: GRIMAL, Nicolas; KAMEL, Amr; MAY-SHEIKHOLESMANI, Cynthia. *Hommages à Fayza Haikal*. Institut Français D'Archéologie Orientale, Bibliothèque d'étude 138, 2003, pp.149-59.
- KUBERSKI, Philip. Dreaming of Egypt: philosophy, psychoanalysis, and cinema. *SubStance*, vol. 18, n° 3, Special Issue Writing the Real, 1989, pp.75-94.
- LESKO, Barbara. *The remarkable women of Ancient Egypt*. Providence, 1999.
- LICHTHEIM, Miriam. *Ancient egyptian literature*. Berkeley, Berkeley University Press, 2006.
- LLOYD, Allan. *Gods, Priests and Men. Studies in the religion of pharaonic Egypt by Aylward Blackman*. New York, Columbia University Press, 1998.
- LOPRIENO, Antonio. *Ancient egyptian literature. A linguistic introduction*. Cambridge, Cambridge University Press, 1995.
- LOUFTY, Boulosi; FAHMY, Ahmed Gamal-El Din. Grasses in Ancient Egypt. *Kew Bulletin*, 62, n° 3, 2007, pp.507-511.
- LUSTIG, Judith. *Anthropology and Egyptology. A developing dialogue*. United Kingdom, Sheffield, 1997.
- MALEK, Jaromir. *Egyptian Art*. London, Phaidon, 1999.
- MANNICHE, Lise. *Sexual life in ancient Egypt*. New York, Methuen, 1987.
- MCAUSLAN, Ian; WALCOT, Peter. *Women in Antiquity*. New York e Oxford, Oxford University Press, 1996.
- MEEKS, Kent R. (ed.) *Egyptology and the social sciences*. Cairo, The American University in Cairo Press, 1979.
- MESKELL, Lyn. *Archaeologie of social life: age, sex et cetera in Ancient Egypt*. Oxford, Blackwell, 1999.

- _____. Re-em(bed)ding sex: domesticity, sexuality and ritual in New Kingdom Egypt'. In: SCHMIDT, Robert, VOSS, Barbara L. (eds.) *Archaeology of sexuality*. London, New York, Routledge, 2000, pp.253-262.
- MONTSERRAT, Dominic. *Sex and Society in Graeco-Roman Egypt*. London and New York, Kegan Paul International, 1996.
- MOORE, Henrietta L. *Feminism and Anthropology*. Cambridge, Polity Press, 1988.
- NORD, Del. The term hnr “Harem” or “Musical Performers”? In: SIMPSON, William K; DAVIS, Whitney M. (eds.) *Studies in Ancient Egypt, the Aegean, and the Sudan. Essays in honor of Dows Dunham on the occasion of his 90th birthday*. June 1, 1980. Department of Egyptian and Ancient Near Eastern Art. Museum of Fine Arts, Boston, 1981, pp.137-145.
- NYORD, Rune, KJOLBY, Annete (eds.) ‘Being in Ancient Egypt’ Thoughts on agency, materiality and cognition. *Proceedings of the seminar held in Copenhagen, September 29-30, 2006*. BAR International Series 2019. Oxford, Archaeopress, 2009.
- O'BRIEN, Alexandra. Private Tradition, Public State – Women in Demotic Business and Administrative Texts from Ptolemaic and Roman Thebes. Phd Dissertation, University of Chicago, 1999.
- O'CONNOR, David. Ancient Egypt: Egyptological and anthropological perspectives. In: LUSTIG, Judith. (ed.) *Anthropology and Egyptology. A developing dialogue*. Sheffield, 1997, pp.13-24.
- PARKINSON, Richard. *Voices from Ancient Egypt*. London, British Museum Press, 2006 [1991].
- _____. “Homosexual” desire and Middle Kingdom Literature. *The Journal of Egyptian Archaeology* 81, 1995, pp.57-76.
- _____. *Poetry and culture in Middle Kingdom Egypt. A dark side to perfection*. London/New York, Continuum, 2002.
- _____. Boasting about hardness: constructions of Middle Kingdom masculinity. In: GRAVES-BROWN, Carolyn. *et alii. Sex and Gender in Ancient Egypt. “Don your wig for a joyful hour”*. Swansea, Classical Press of Wales, 2008.

A senhora da casa ou a dona da casa?

- PESTMAN, Pieter W. *Marriage and Matrimonial Property in Ancient Egypt. A contribution to establishing the legal position of the woman*. Leiden, Brill, 1961.
- PINCH, G. *Childbirth and female figurines at Deir el-Medina and el-Amarna*. *Orientalia* 52, 1983, pp.404-14.
- PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher?. In: ALGRANTI, Leila M. (org.) *A prática feminista e o conceito de gênero*. Textos Didáticos, n° 48. Campinas, IFCH-Unicamp, 2002, pp.7-42.
- POMEROY, Sarah. *Women in the Hellenistic Egypt*. New York, 1984.
- _____. *Families in Classical and Hellenistic Greece*. Oxford, Clarendon Press, 1997.
- RABINOWITZ, Nancy S. *Feminist Theory and the classics*. New York, Routledge, 1993.
- REDFORD, Donald. (ed.) *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. Oxford, Oxford University Press, 2001.
- RENFREW, Jane. Vegetables in the Ancient Near Eastern Diet. In: SASSON, Jack. M. (ed.) *Civilizations of the ancient Near East*. New York, Scribner/London, Simon & Schuster and Prentice-Hall International, 1995, pp.191-202.
- ROBINS, Gay. *Women in Ancient Egypt*. London, British Museum Press, 1993.
- _____. Dress, undress and the representation of fertility and potency in New Kingdom Egyptian Art. In: KAMPEN, N. Boymel (ed.) *Sexuality in Ancient Art*. Cambridge, 1996, pp.27-40.
- ROTH, A.M. The absence spouse: patterns and taboos in Egyptian tomb decoration. *Journal of the American Research Centre in Egypt* 36 1999, pp.37-53.
- ROWLANDSON, Jane. *Women & Society in Greek and Roman Egypt*. Cambridge, Cambridge University Press, 1998.
- SAID, Edward W. *Orientalismo*. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.
- _____. Orientalismo reconsiderado. In: SAID, E. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo, Cia. das Letras, 2001.

- SASSON, Jack. M. (ed.) *Civilizations of the ancient Near East*. New York, Scribner/London, Simon & Schuster and Prentice-Hall International, 1995.
- SCHAFFER, Bernard; BAINES, John; LESKO, Leonard; SILVERMAN, David. *Religion in Ancient Egypt. Gods, myths and personal practice*. Ithaca & London, Cornell University Press, 1991.
- SCOTT, Joan. *Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press, 1988.
- SIMPSON, William K. *The literature of ancient Egypt. An anthology of stories, instructions, stelae, autobiographies, and poetry*. New Haven, London, Yale University Press, 2003.
- STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas, Editora da UNICAMP, 2006 [1988].
- _____. *Partial Connections*. Oxford, Rowman and Littlefields Publishers, 2004 [1991].
- SWEENEY, Deborah. *Correspondence and Dialogue - pragmatic factors in Late Ramesside letter-writing*. Ägypten und Altes Testament. Band 45. München, Mafred Görg, 2001.
- _____. Gender and Request in New Kingdom Literature. In: GRAVES-BROWN, Carolyn. *et alii. Sex and Gender in AE. "Don your wig for a joyful hour"*. Swansea, Classical Press of Wales, 2008.
- TAIT, John. *Never had the like occurred: Egypt's view of its past*. London, UCL Press, 2003.
- TALLET, Pierre. *História da cozinha faraônica*. São Paulo, SENAC, 2002.
- TEETER, Emily. *Egypt and the Egyptians*. Cambridge, New York, Cambridge University Press, 2007.
- TOIVARI-VIITALA, Jaana. Marriage at Deir el-Medina. In: EYRE, C.J. (ed.) *Proceedings of 7th International Congress of Egyptologists*. Cambridge 3-9 September, 1995. *Orientalia Lovaniensia Analecta* 82. Leuven, Peeters, 1998, pp.1157-1163.
- _____. *Women at Deir el-Medina. A study of the status and roles of the female inhabitants in the workmen's community during the*

A senhora da casa ou a dona da casa?

ramesside period. Leiden, Nederlands Instituut voor Het Nabije Oosten, 2001.

TRIGGER, Bruce. Ancient Egypt in Cross-cultural perspective. In: LUSTIG, Judith. (ed.) *Anthropology and Egyptology. A developing dialogue*. United Kingdom, Sheffield, 1997.

TYLDESLEY, Joyce. *Daughters of Isis. Women of Ancient Egypt*. London, Penguin, 1994.

_____. *Hatchepsut. The female Pharaoh*. London, Penguin, 1996

_____. *Nefertiti Egypt's Sun Queen*. London, Penguin, 1998.

VERHOOGT, Arthur. *Dictating Letters in Greek and Roman Egypt from a Comparative Perspective*. Michigan, 2009.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O universalismo europeu, a retórica do poder*. São Paulo, Boitempo, 2007.

WATERSON, Barbara. *Women in Ancient Egypt*. New York, St. Martin's, 1991.

WILFONG, Terry G. Menstrual synchrony and the 'place of women' in ancient Egypt (Hieratic ostrakon Oriental Institute Museum 13512). In: TEETER, Emily (ed). *Gold of praise: studies in honour of Edward F. Wente*. Chicago, 1999, pp.419-34.

_____. Friendship and physical desire: the discourse of female homoeroticism in fifth century CE Egypt. In: RABONOWITZ, Nancy S. (ed.) *Among women: from the homosocial to the homoerotic in the Ancient World*. Austin, Texas, 2002.